
JOÃO SIMÕES LOPES NETO, UM INTELLECTUAL PERIFÉRICO

JOÃO SIMÕES LOPES NETO, AN PERIPHERICAL INTELLECTUAL

Heloisa Sousa Pinto Netto
Mestranda em Literatura Brasileira - UFRGS
heloisaspnetto@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo procura traçar a trajetória do escritor João Simões Lopes Neto (1865-1916) visando inseri-lo na categoria de intelectual. O escritor talentoso, o profícuo dramaturgo, o inventivo empreendedor, manteve durante toda a vida adulta a atividade de jornalista como trabalho principal. Sua produção em periódicos de sua cidade, Pelotas, foi permeada por opiniões firmes, ações de ponta, o que fez com que ocupasse uma posição arrojada para a época em que viveu. Embora tratasse preponderantemente de assuntos locais, Simões Lopes Neto discutia temas universais com desenvoltura. A condição de grande distância em relação ao centro cultural de então, o Rio de Janeiro, pode ser considerada como um entrave para que seu trabalho fosse reconhecido em toda sua dimensão, ainda que mantivesse contato com pensadores de projeção nacional.

PALAVRAS CHAVE: Intelectual. Papel social. Jornalismo.

ABSTRACT: This paper presents the trajectory of João Simões Lopes Neto (1865-1916), aiming at placing him as an intellectual. The talented writer, the fruitful playwright and the ingenious enterpriser worked mainly as a journalist throughout his whole adult life. His writings for newspapers and magazines from his hometown, Pelotas, were filled with Strong opinions, outstanding pieces of work, which led him to enjoy a high rank for his time. Even though Simões Lopes Neto would write mostly about local subjects, he would discuss universal themes in a resourceful and articulate way. The large distance from Rio de Janeiro, which was then the Brazilian cultural center, can be considered an obstacle for his work to be acknowledged in its entire dimension, even though the author maintained correspondence with nationally acclaimed authors.

KEYWORDS: Intellectual. Social role. Journalism.

Introdução

O intelectual é um indivíduo com um papel público específico na sociedade que não pode limitar-se a ser um simples profissional sem rosto, um membro competente de uma classe que unicamente se preocupa com sua atividade (...) é um indivíduo dotado da faculdade de representar, encarnar e articular uma mensagem, uma visão, uma atitude, filosofia ou opinião em favor do coletivo. (SAID, p. 29, 30)

João Simões Lopes Neto (1865-1916) não era um sujeito acomodado, ao contrário, sua história de vida demonstra o quão ativo e inventivo foi nosso escritor. Reconhecido (mesmo que com certo atraso e, por vezes, de maneira oblíqua) principalmente pelas obras *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, Simões Lopes foi também atuante cronista e jornalista, autor de peças de teatro, pesquisador de expressões de matriz popular e um sujeito preocupado com sua cidade e com questões relativas à educação, como pretende demonstrar este trabalho. Em sua produção para jornal frequentou a mais variada gama de assuntos, não se furtando a assumir posições que, muitas vezes, confrontavam com sua origem oligárquica.

Nascido em um momento de mudanças no ânimo nacional - a Guerra do Paraguai (1865-70) havia despertado para o atraso social e econômico do país - o autor estava imerso no hibridismo que caracterizava os brasileiros. O paradoxo capitalismo x escravismo (teoricamente excludentes e que na prática, no Brasil, não o eram) e o paradigma de trabalho-escavidão, que caracterizavam a estrutura econômica e social brasileira, produziram reflexões por parte de intelectuais e de muitos jovens estudantes que começaram a desafiar a ordem política e cultural vigente. A movimentação girava em torno de ideias abolicionistas, anticlericais e republicanas, ainda que, muitos dos brasileiros que adotavam uma postura crítica em relação à organização nacional pertencessem à elite vinculada profundamente ao governo imperial.

Para Thomas E. Skidmore “a ruptura com as ideias tradicionais estava associada à propagação do positivismo” e a doutrina de origem francesa, que gozava de grande prestígio entre os letrados brasileiros, adquiriu importância no país “por aparecer no momento em que a mentalidade tradicional achava-se mais vulnerável.” O historiador ainda entende que “O espírito crítico dos jovens estava pronto para uma rejeição sistemática do catolicismo, do romantismo e do ecletismo associados à monarquia agrária.” (p. 46) As ideias liberais eram utilizadas por brasileiros “num contexto social que não era radicalmente diferente do mundo de seus ancestrais” (p. 67), o que acarretava um descompasso, já que as transformações se davam em nível intelectual e não econômico ou social.

João Simões Lopes Neto viveu intensamente este momento paradoxal tentando equilibrar modernidade e tradição, vida metropolitana e provincial, campo e cidade. A posição familiar privilegiada lhe possibilitou boas condições em termos de relações sociais e mesmo

não dispondo de capital próprio – sobretudo antes de perceber a herança paterna - esteve envolvido em empreendimentos de vulto. Esteve à frente de instituições ligadas à cultura e ao comércio de sua cidade, Pelotas, onde também ocupou cargos importantes em jornais. Através de postos diretivos em entidades municipais e por intermédio do trabalho jornalístico liderou movimentações que procuravam atender as demandas mais diversas de sua comunidade. A dissipação da herança recebida se deu concomitantemente à necessidade de resgate do que era genuíno de seu ambiente de origem. O homem urbano que estudou no Rio de Janeiro, que ambicionava implantar indústrias em sua cidade, que sonhava desenvolver um projeto pedagógico inovador, na medida em que seu *status* econômico descendia mergulhava no universo da tradição popular, remexendo em suas memórias da tenra infância. Segundo Sergio Miceli, os letrados na Primeira República “são originários de famílias oligárquicas cuja situação material está em declínio”.

(...) o acesso à posição de escritor aparece, nessa conjuntura, como produto de uma estratégia de reconversão que se impõe por força do desaparecimento do capital de que a família dispunha outrora, ou ainda pela impossibilidade de herdar esse capital em toda sua extensão. (MICELI, p. 23)

O ingresso destes letrados nas carreiras intelectuais depende do que o sociólogo denomina de posse de trunfos ligados à posição na pátria (filho único, primogênito, único filho homem) e de *handicaps* sociais (morte do pai, falência familiar) e biológicos (tuberculose, principalmente) ou, ainda, de estigmas corporais (gagueira, surdez etc). Ainda que a análise de Miceli aponte escritores em sua maioria órfãos de pai que pertencem à famílias já em situação falimentar, o que não é exatamente o caso de Simões Lopes Neto, na biografia de nosso autor algumas destas características estão presentes, como poderá ser visto ao longo deste trabalho.

João Simões Lopes Neto travou uma batalha pessoal, sua condição cultural lhe dava subsídios suficientes para que figurasse entre os próceres nacionais, mas faltou-lhe a sorte: viveu afastado do centro do país. Desta maneira, sua vida foi pautada por ações locais, no entanto, seu horizonte era ilimitado. Estava sintonizado com o que de mais moderno acontecia no mundo e assim tomava a frente de iniciativas que buscavam o desenvolvimento de sua própria cidade. Nos jornais de Pelotas cumpriu uma trajetória diversificada, foram séries

variadas de crônicas, mais artigos, editoriais, que tratavam igualmente de assuntos elevados e ordinários. Em suas publicações jamais se furtou a expor e defender suas ideias arejadas, inovadoras, por vezes polêmicas, com convicção. Como homem interessado em educação projetou livros de leitura escolar, uma cartilha de alfabetização, pesquisou sobre História, Geografia, deu aulas de francês. Foi também dramaturgo, resgatou lendas de origem oral e escreveu obras importantes.

Entendendo que intelectual é um indivíduo que para além de seu capital cultural cumpre também o papel de interlocutor da sociedade em que está inserido e busca através desta interlocução ser um canal propício às mudanças em favor desta mesma sociedade, este trabalho pretende tratar de alguns aspectos da vida e obra de João Simões Lopes Neto com o propósito de inseri-lo nesta categoria.

No descompasso entre as ideias e a ação

Até a idade de nove anos Simões Lopes Neto viveu na estância da família, passando, a partir de então, a frequentar a vida escolar em Pelotas. O que se percebe através de sua biografia e de alguns escassos depoimentos é que o escritor quando criança não só estava inserido no mundo campeiro como o amava. Em sua futura produção literária aparecerão traços de sua infância passada em contato direto com a natureza e as lides da estância.

Com a morte da mãe, em 1876, a família desintegrou-se, suas três irmãs passaram a ser criadas por familiares, o menino João permaneceu em Pelotas, como interno no Colégio Francês. Em 1877 ele foi estudar no Rio de Janeiro. Informações sempre apontaram para o Colégio Abílio como tendo sido sua escola na capital do Império, fato, no entanto, nunca comprovado. Sinais em sua obra podem sugerir contato com o pensamento de Joaquim José de Menezes Vieira, educador de ideias avançadas e diretor da escola que levava seu nome, mas nada está ainda claro sobre a possibilidade de nosso escritor ter estudado no Colégio Menezes Vieira. O que parece ser de fato certo é que entre 1877 e 1884 o jovem rapaz João Simões Lopes Neto esteve realmente naquela cidade, o que certamente influenciou sua formação intelectual.

Os poucos anos de estudos regulares fizeram do escritor um autodidata e Simões Lopes utilizou, com acertos e erros, toda sua capacidade produtiva e criativa, pondo em prática – ou ao menos tentando fazê-lo – muitos de seus valores e ideais modernos, arejados. Ao longo da vida encabeçou os mais variados movimentos em prol de melhorias em sua cidade e de seus patrícios, não se furtando a apelos ao governo do Estado e até à presidência, quando julgava necessário. Foi assim no caso do sistema ferroviário de transporte de gado em que, na condição de presidente da Associação Comercial de Pelotas (um dos tantos cargos ligados à administração, economia e cultura de Pelotas que cumpriu), escreve um memorial sobre o assunto – a necessidade de instituição do ‘transporte do gado em pé’ – e remete ao presidente Campos Sales. Ou quando se dirige a Porto Alegre e entrevista-se com o presidente do Estado, Júlio de Castilhos, por conta de diversos problemas de interesse do município, sendo a principal demanda, naquele momento, o deslocamento de uma draga para operar no canal do São Gonçalo. Outras iniciativas do gênero, direcionadas a autoridades federais e ao Congresso Nacional também foram lideradas por nosso autor, como a reivindicação pela suspensão do imposto do sal e pela mudança nas regras do imposto sobre bebidas alcoólicas, atitudes que condiziam com os cargos que ocupava ligados ao comércio. Também desenvolveu um extenso projeto que visava a canalização do arroio Santa Bárbara, acompanhada de saneamento e urbanização local. Este, no entanto, um dos muitos fracassos que recolheria ao longo da vida: conseguiu a aprovação da Intendência Municipal, mas não encontrou forma de obter os recursos necessários para efetivar a obra de grande interesse comunitário.

Ainda que tenha empreendido negócios comerciais visando ganhos pessoais, afinal, de alguma parte precisa retirar seu sustento (apesar de sua origem oligárquica, enquanto seu avô e seu pai eram vivos nada tinha de seu) Lopes Neto não conseguiu estabelecer nada com maior sucesso. O cargo de despachante, que desenvolveu por quase toda a idade adulta, foi uma de suas atividades relativamente rentáveis, juntando-se a esta as atividades de jornalista – realizada de forma praticamente ininterrupta - e de professor.

Em vários dos empreendimentos Simões Lopes Neto aparecia somente como idealizador – um visionário, muitas vezes – captando recursos por meio de acionistas em regime de sociedades anônimas ou de cooperativas. Foi assim com a Sociedade Anônima

Vidraria Pelotense, com a Companhia Destilação Pelotense e com a Companhia Pelotense Cooperativa de Panificação, esta última voltada “às pessoas do povo de Pelotas, principalmente as da classe operária e que forem acionistas” a fim de disponibilizar aos participantes “pão por preço módico, assegurando-lhes ao mesmo tempo lucros certos e remuneradores do emprego do seu capital”. (REVERBEL, p. 193)

Por volta dos trinta anos, por ocasião da morte do avô, seguida pela do pai, inicia uma série de empreendimentos nos quais vê dissolver-se a herança recebida. Não se tratava de nenhuma fortuna, o Visconde teve muitos filhos de seus dois casamentos, mas um sujeito regrado poderia viver de maneira bastante razoável. Concomitante ao processo de dilapidação do patrimônio candidata-se a notário e assume o 2º Cartório de Pelotas. No entanto, nem mesmo a este cargo que poderia lhe dar tranquilidade e estabilidade financeira se prendeu. O irrequieto Simões Lopes parecia necessitar de maior espaço para dar vazão a sua mente fervilhante de ideias e inspiração, as procurações e certidões não ofereciam a liberdade das colunas de jornal ou dos diálogos de suas peças de teatro recheadas de humor e elementos satíricos, atividades que passara a desenvolver com êxito.

Uma fábrica de cigarros, de marca Diabo (anticlericalismo e ironia, como adiante será tratado), uma pomada para bovinos a partir do fumo, a Tabacina, de relativo sucesso, um depósito de café, foram alguns de seus negócios atabalhados. Mais que todos, no entanto, foi o investimento em minas de prata, em Santa Catarina, empresa malograda em que perdeu dinheiro ao ser enganado por um malandro. A saga de negócios atrapalhados estigmatizou nosso escritor, que levou fama de azarado despertando até mesmo um pouco de pena por parte de seus contemporâneos pelotenses. Ao final da vida - morreu com apenas 51 anos - retirava o seu sustento e de sua família da atividade à qual mais se dedicou: a de jornalista.

O acento humorístico do jovem Simões

Sua trajetória nos jornais pelotenses teve início em 1888: com apenas 23 anos, ele estreou como colaborador do jornal *A Pátria* publicando dois poemas, para em seguida criar

uma seção intitulada *Balas de Estalo*.¹ Sempre escritas em versos e assinadas por algum João, de nome composto associado ao riso, Riforte, Ripouco, Risempre, Riduro e assim por diante, as publicações da seção eram divertidas, satíricas, sem maior compromisso. A primeira fase das *Balas de Estalo* - nome francamente inspirado na série da carioca *Gazeta de notícias* da qual Machado de Assis era um dos autores - é composta por um conjunto de 21 publicações esporádicas. Segundo Carlos Reverbel “ele escrevia como quem se diverte, glosando, quase sempre de forma humorística, os acontecimentos do dia-a-dia e não raro, bulindo, de modo irreverente, com as pessoas neles envolvidos” (REVERBEL, 2006, p. 100). É relevante aqui chamar a atenção que o autor pelotense, ao contrário do carioca, escrevia a coluna sozinho, enquanto a série publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, era escrita a várias mãos.

Trabalhadas com humorismo, as *Balas* de Lopes Neto giram sobre temas variados, de acontecimentos do cotidiano à crítica política e social. Segundo Lígia Chiappini, inicialmente tratava-se de pequenos triolés²², à maneira dos poemas parnasianos de Fontoura Xavier, “com temática de circunstância, engraçados, mas de humor leve, cujo sentido muitas vezes nos escapa, justamente por terem envelhecido com os fatos imediatos a que aludem.” Ainda assim, assegura Lígia, “é possível perceber uma certa irreverência para com as autoridades políticas e religiosas, uma liberdade de espírito, uma certa identificação com o que chamava de ‘Zé Povinho’ e seus problemas.” (CHIAPPINI, p. 29)

Ainda em 1888 o pelotense adota o pseudônimo Serafim Bemol, que vai acompanhá-lo por muito tempo. A série de crônicas em que estreia o suposto nome, *O Rio Grande a Vol d’Oiseau*, foi também veiculada no jornal *A Pátria* e discorria sobre suas viagens à Rio Grande e São José do Norte. Foram somente seis publicações, das quais pouco tem sido falado. A série inaugura as publicações de Simões Lopes em prosa, até então tínhamos as *Balas de Estalo* na forma dos já explicitados triolés e também dois breves poemas, anteriores à série homônima à carioca que Machado de Assis contribuía, também no mesmo jornal de Pelotas.

¹ ‘Balas de Estalo’: seção do jornal carioca *Gazeta de Notícias* que recebeu a contribuição de Machado de Assis e foi veiculada de 1883 a 1886.

² Triolés: composição poética que utiliza estrofes de 8 versos com duas rimas e na qual o primeiro, o quarto e o sétimo verso são iguais, assim como o segundo e o oitavo.

Nas seis crônicas sobre a viagem às cidades vizinhas, Simões Lopes Neto já imprime alguns traços do estilo literário que o caracterizaria em suas produções futuras. A descrição das duas cidades, de seus habitantes e, principalmente dos hábitos destes, é rica e minuciosa. Na primeira crônica, em que fala de Rio Grande, o autor não poupa críticas a quem acha que as merece; mais adiante, ao falar sobre traquejo social, saúda a elegância de gestos e compara em muitos momentos os locais aos pelotenses. Não há como deixar de identificar no texto uma ponta de fina ironia na crítica aos modos europeizados que reinavam em grande parte do Brasil.

(...) Aqui – em que pese aos pelotenses – em geral, ha mais cortesia, mais desse verniz do exterior, a polidez desembracada, que tinge logo de cor de rosa – a primeira saudação, uma apresentação vale um camarada – usa-se de luva de pelica até para oferecer um charuto(...)E um leve toque de estrangeirismo dá uma feição mais original aos antigos moldes das nossas mesuras. (LOPES NETO in MOREIRA, 1983, p. 27)

O tom das crônicas oscila entre crítica e elogio, muitas das vezes Simões aproveita alguns temas locais para tratar de questões e demandas de sua própria cidade, como, por exemplo, quando descreve alguns prédios públicos de Rio Grande e serve-se disso para criticar a morosidade de um projeto de construção de um asilo de mendicidade em Pelotas. Trata-se de assunto que perpassa a história social brasileira, como podemos verificar no texto da segunda publicação, o que denota permanência da série *O Rio Grande à vol d’oiseau*.

Pelotas quer um palácio, tem terreno e cinquenta contos; temos a procissão dos pobres às quintas-feiras e sábados, com suas placas e os seus aleijões – coitados – e no entanto, discute o senhor A com o senhor B, porque as escadarias do vestibulo devem ser de mármore e não de reles tabuas de pinho, e discute o senhor C com o senhor D, porque os vidros da janela devem ser foscos e não canelados, discutem depois os senhores A, B, C, D, porque o pavilhão ou pavilhões devem ser assim e não assado. E enquanto se decide se o pavilhão ou os pavilhões devem ser – assados, cozidos -, continua o frio, a fome não para, a moléstia não dorme, as lamentações não se calam. Afinal, quem esperou tanto tempo, só pelo prazer de morar no pavilhão ou nos pavilhões...que espere outro tanto. (LOPES NETO in MOREIRA, 1983, p. 30)

O motivo da ida às cidades vizinhas, apesar de não especificado, pode ser inferido: a visita a uma Exposição Municipal. A terceira crônica descreve com pormenores indústrias

dos mais variados tipos: tecidos, couros, fundições, móveis, calçados, alimentos e bebidas, o que comprova o considerável desenvolvimento da cidade portuária. Na quarta o autor reflete sobre a própria exposição, sua organização e importância, conclamando ao final seus concidadãos a que compareçam às outras edições.

As duas últimas crônicas tratam de São José do Norte, a “continuação do Rio Grande” que “Velha e abatida, a testemunha da Guerra de 35, o teatro de façanhas do lendário Garibaldi, mostra na sua tristeza e nas suas casas arruinadas, toda a melancolia, mescla de saudade e de enfraquecimento.” (LOPES NETO in MOREIRA, 1983, p. 35) A descrição é singela e aqui e ali desponta um comentário sobre questões de ordem pública. O republicano Simões finaliza a penúltima crônica com referências à Câmara Municipal da cidade. Em uma descrição carregada de ironia o autor fala da presença impositiva de D. Pedro II na parede do prédio público: “Como de costume, o infalível retrato a óleo do Imperador e a coroa, o escudo, os ramos de fumo e de café e indefectível P. II, que acompanha tudo, desde os chanfalhos militares, até as iluminações a gás nos dias de festa.” (LOPES NETO in MOREIRA, 1983, p. 36)

A segunda fase das *Balas de Estalo*, também no jornal *A Pátria*, foi publicada entre 25 de abril de 1889 e 20 de agosto de 1890 e todas as crônicas, ainda em triolés, levavam a assinatura de Serafim Bemol. Foram 13 colunas que traziam, agora sim bem identificado, o personagem Zé Povinho e suas reivindicações por conta dos impostos pagos sem retorno de serviços públicos adequados. Segundo Carlos Reverbel, o pseudônimo Serafim Bemol era “reservado para suas produções de feição literária e de acento humorístico, assumindo, de quando em quando, características panfletárias.” (in MOREIRA, p.39) Uma das bandeiras de interesse comunitário levantada à época por Lopes Neto em suas crônicas era a da implantação de um sistema de esgotos na cidade de Pelotas, o que de fato ocorreu somente em 1913. A primeira série abre exatamente com este tema e o personagem Zé Povinho encarna seu papel de homem de baixo e explorado. É uma boa demonstração do engajamento social de nosso autor.

Esgotos que não se esgotam, \ Esgotando a paciência, \ Ó! goteiras de ciência, \ Esgotos que não se esgotam! \ Ó! Follets – da consciência, \ Ó! botas que não s’embotam, \ Esgotos que não se esgotam, \ Esgotando a paciência.

Se o Zé Povinho é quem paga \ (E s'engambela o Povinho): \ Sou por vós! e a caminho! \ Se é o Zé Povinho é quem paga \ Mas se a nobreza d'arminho, \ Já treme da questão maga, \ Se o Zé Povinho é quem paga \ (E s'engambela o Povinho) (LOPES NETO in MOREIRA, p. 40)

De janeiro a junho de 1891, nos últimos meses de vida do jornal *A Pátria*, Simões Lopes inicia nova seção, a *Tesoura Hilariante*, escrita por vezes em prosa e em outras ocasiões em versos que se aproximam do cancionero popular. A coluna de aspecto jornalístico recortava episódios do dia-a-dia e os tratava de forma humorística e não raro seguidos de crítica aguda. Fora o já citado jornal, colaborou também com o *Correio Mercantil*, com o *Opinião Pública* e com o *Diário Popular*, ambos da mesma cidade, sendo que neste último veio publicada a última série das *Balas de Estalo*, no ano de 1895. Além das duas fases das *Balas de Estalo* e das séries *O Rio Grande à vol d'oiseau* e *Tesoura Hilariante*, o jovem Simões Lopes publicou mais outros três trabalhos no período que trabalhou no jornal *A Pátria*, que são: *Álvaro Chaves* (necrológio, 25 de fevereiro de 1890), *Carta* (resposta ao jornal *Diário Popular*) e *A Barra do Rio Grande* (tradução do francês em 10 de outubro de 1889).

Criado para ser independente, logo após sua fundação o *Diário Popular* acabou sendo adquirido pelo Partido Republicano. Simões Lopes Neto contribuiu com alguns artigos: o primeiro discorreu sobre as indústrias pelotenses, em seguida o autor escreveu uma série de seis outros, durante janeiro de 1893, que traziam o título geral *Canalização do Santa Bárbara e melhoramentos anexos*. Os artigos, parte do extenso projeto ao qual se dedicou com empenho, foram assinados por J. Simões Lopes Neto.

O trabalho como colaborador de jornal foi constante em toda sua vida. Em 1893, novamente sob o pseudônimo Serafim Bemol e em colaboração com Don Salústio e Sátiro Clemente de quem não se tem informações precisas, escreve a novela de folhetim *A Mandinga*. Composta por quinze capítulos, a novela foi sua primeira experiência em termos de ficção. Escrita a seis mãos, com cada autor dando prosseguimento à história contada por seu antecessor, a narrativa traz paixões não correspondidas que por fim desembocam no terreiro de um preto velho, onde ocorrem diversas confusões, em um enredo movimentado bem próximo ao teatro.

O período que se iniciava também foi fértil em criações teatrais, nosso autor se dedicava ao gênero compondo peças satíricas e leves comédias de costumes que faziam sucesso no círculo pelotense. Somente no início de 1895 Simões Lopes retoma efetivamente às atividades jornalísticas, trazendo a público, na ocasião, mais uma série das *Balas de Estalo*. De um modo geral a seção mudara bastante em seu estilo, mas seguia preservando e enfatizando os fatos locais e episódios do momento. Uma das bandeiras levantadas com frequência pelo autor era a da crítica anticlerical. Durante sua vida jornalística foram vários momentos de embate através dos variados meios com os quais contribuiu ou foi funcionário contratado. Em tom panfletário, uma das publicações da terceira fase traz a crítica à campanha da Igreja contra a união unicamente civil de casais.

Constou-me que, há dias, um bravo javardo, de Jesus, em tanto se transformaram os cordeiros, um reverendo, pelo jeito da pá virada, descascara, do alto de seu púlpito, um metro e pouco, se tanto, umas tantas coisas da Santa Madre República, e entre elas, com pua, serrote, lima e os mais troços adequados, o moral e proveitoso casamento civil. Cada um come o que gosta, não sendo isto, porém, uma razão para cuspir no prato em que outrem saboreia, seja embora caramujos, angu de negra-mina, ou acepipes atrozes, de algum hotel com cortinas bonitas nas janelas. Oh! Zé-povinho: já reparaste que a implicância toda é só para o casamento civil? Já notaste que o registro civil, a doação, o reconhecimento, o óbito, etc. não arrepiam lá essas coisas à evangélica pachorra dos padres colados, descolados e por colar? Já reparaste, Zé-povo? Então, por que será que a embirração é só para o casório? Procura, procura o gato, que ele deve estar com a cauda exposta... (LOPES NETO in REVERBEL, 2006, p. 111)

Um momento surpreendente na trajetória das *Balas de Estalo* é a coluna de 8 de fevereiro: Simões escreveu em italiano. Trata-se da apresentação de uma “ópera” de sua autoria, em tom evidente de paródia. O uso da língua italiana comprova que nosso escritor dominava não só a língua francesa – com diversos trabalhos realizados de tradução do francês para o português-, mas também a língua falada no *Bel Paese*. Em 1895, com o fim da seção *Balas de Estalo*, estampa as páginas do *Diário Popular* uma nova série chamada *A semana passada (Revistinha)*, uma espécie de revista semanal redigida sob a forma de esquetes teatrais, o que atesta a originalidade de nosso escritor. Foram apenas quatro publicações que retomavam personagens já conhecidas pelo público de sua produção anterior.

Com a morte do pai, em 1896 (o avô falecera em 1893 - duas perdas importantes para quem, por seu caráter irrequieto e de certa forma volúvel, não tinha aptidão ou perfil apropriado para assumir compromissos maiores de trabalho e nem dominava os meandros dos negócios), inicia a série de empreendimentos comerciais, dos quais, entretanto, reforçando o que foi dito anteriormente, recolheu repetidos fracassos. Sempre almejando o desenvolvimento de sua região, buscando o estabelecimento de indústrias e empresas que representavam o avanço da modernidade, fez negócios atabalhoados, perdeu dinheiro, foi enganado. Seu espírito inovador não cabia nas regras impostas pelo cotidiano, nem mesmo conseguiu sustentar o cargo de notário em tabelionato de Pelotas, função que lhe possibilitava boas condições de vida, mas que abandonou depois de algum tempo.

Seu trabalho jornalístico continuava expressivo, ainda no *Diário Popular* cria nova seção, tratava-se de *A Semaninha*, coluna que tinha por meta passar a limpo os acontecimentos da semana. Simões Lopes Neto foi quem iniciou o trabalho de escritura sendo este concluído - ao final de 1896- por outros colegas do jornal. No mesmo ano novo jornal foi inaugurado em Pelotas, *A Opinião Pública* aportou trazendo em seus quadros companheiros do jovem Simões de outras empreitadas jornalísticas. Em 5 de maio o jornal circulou com longo artigo do empenhado jornalista Simões Lopes Neto portando novo pseudônimo: João do Sul. O artigo trazia uma reflexão sobre o próprio jornalismo, que para ele, dizia “é, sem dúvida, a expansão mais atraente para o homem essencialmente humano.” (LOPES NETO in SICA DINIZ, 2013, p. 98)

Os anos seguintes foram, novamente, de intensa produção para teatro. Sempre criativo, suas peças teatrais faziam sucesso encenadas no Teatro 7 de abril. Além de criar seus saborosos esquetes teatrais, o dramaturgo participa à época de diversos cargos em instituições ligadas à vida da cidade. O surpreendente Simões Lopes Neto dirigiu associações dos mais variados tipos: participou da direção da Biblioteca Pública Pelotense, da fundação da União Gaúcha - criada para “relembrar, honrar e conservar as tradições rio-grandenses” (REVERBEL, p. 250) – e trabalhou na constituição da Sociedade Protetora dos Animais, entidade que pretendia tratar, principalmente, do péssimo hábito de ordenha de vacas leiteiras em via pública, o que depauperava os animais devido aos longos trajetos a eles impostos e expunha a população ao consumo de leite produzido em condições inadequadas.

Simões Lopes era, entretanto, homem de visão aguçada e ideias ventiladas, e embora estivesse plenamente ligado à cidade de Pelotas, produzindo a série de comédias de costumes locais e se envolvesse em questões de interesse público de sua cidade, mantinha-se permanentemente atualizado em relação a tudo que acontecia no resto do Brasil, nos países vizinhos, nos Estados Unidos e na Europa. Neste período, o da virada do século XIX para XX, teve início no país uma mobilização engendrada por intelectuais preocupados com o destino da educação e com a formação do futuro cidadão brasileiro. Foi uma época marcada pela intensa campanha de clara feição positivista que buscava a divulgação de valores decorrentes da universalização do acesso ao sistema escolar, ligada à nova condição republicana. Inspirado por tudo que estava acontecendo no resto do país - a cruzada cívica, de valorização da educação e criação de valores patrióticos, a partir do empenho de renomados escritores e pensadores brasileiros - Simões Lopes dá início, então, a seu próprio projeto de produção de livros e cartilhas escolares.

O plano pedagógico

O ano de 1904 foi decisivo para sua vida, o até então colaborador de jornais e dramaturgo começa a despontar como um homem preocupado com questões relativas à educação, que ambiciona atingir o universo escolar através de uma obra que contribuísse com a formação de jovens à medida que apresentasse ideais de valorização da pátria aliados à preservação de suas origens. Para Luís Augusto Fischer, a vida de Simões Lopes Neto se divide em duas fases:

(...) mais ou menos entre 1884 e 1904 (entre os vinte e os quarenta anos de idade), temos um empresário ativo e um dramaturgo com notável vocação para a comédia ligeira; depois disso até sua morte, em 1916, temos um derrotado econômico e um devoto da cultura popular, particularmente aquela de origem rural. (FISCHER, 2012, p. 24)

No referido ano, o de 1904, o autor pelotense proferiu uma conferência na Biblioteca Pública de Pelotas denominada “Educação cívica – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro)”, na qual expos seu plano editorial e literário que visava o leitor escolar. De conteúdo cívico – como explicita bem desde o título e seguindo o movimento de âmbito

nacional, comandado por Olavo Bilac, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Manoel Bonfim, entre outros - a palestra aponta inicialmente para esta diretriz, para em seguida fazer uma referência à matéria local e à edição de um livro. Nesta palestra são citadas as obras de cunho patriótico *Educação Nacional*, de José Veríssimo (1890) e *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso (1900), que serviriam de inspiração para o autor. Além destas, como inspiração maior, aparece *Cuore* (ou *Coração*), obra do italiano Edmondo De Amicis, escrita em 1886 e caracterizada pelo desejo de seu autor de prestar um serviço ao seu país incutindo nos jovens leitores valores morais e sociais, sobre os quais deviam ser construídos os pilares da Itália moderna.

É neste universo pleno de ideias de integração da nação através da educação e do resgate e preservação da tradição local que estava agora imerso Simões Lopes Neto. Embora não existam informações pontuais sobre quais obras ou autores o escritor pelotense possa ter tido contato, na ‘Conferência cívica de 1904’ ele se referiu diretamente aos livros de José Veríssimo, de Afonso Celso e De Amicis. A palestra teve como roteiro “*Educação Nacional*” e pode ser considerada o ponto de partida do plano editorial de fundo pedagógico de Lopes Neto. Sobre o seu livro de leitura, afirmou, tinha intenção de escrevê-lo aos moldes da obra italiana *Cuore*, revestindo-o, no entanto, de cenas nacionais:

Um livro em que eu pudesse lançar golpes de luz, de gratidão e amor sobre a imensa tela do Brasil, mas, entoando a glória excelsa pátria...(…) em que se concretizasse a tradição, a história, o ensinamento cívico e as aspirações pátrias, que eu dedicaria, mais vibrante hausto da minha pobre vida, a terra riograndense, mãe de raça forte, tumulto de ossadas venerandas, berço de incomedido patriotismo. Um livro que vivesse no rancho das margens do Uruguay e no palácio das plagas do Oceano; e que das suas páginas simples e sinceras, fulgisse nítida e vivaz, amorosa, exemplificadora e saudosa, a plaga dos pampas, o berço dos Farrapos, a "Terra Gaúcha!!!" (LOPES NETO in TAMBARA, ARRIADA, 2009, p. 325)

Seu projeto literário, ou seja, a concepção de um livro voltado ao leitor escolar ou que de alguma maneira cumprisse o propósito de educar e no qual noções de unidade nacional estivessem interligadas às peculiaridades regionais, não chegou a ser de fato totalmente efetivado; em torno desta produção, que em parte foi realmente concebida, encontramos sempre informações desencontradas, acompanhadas de muitas suposições. O certo é que o

escritor tentou a aprovação de uma obra didática, que, no entanto, não recebeu a acolhida dos órgãos estaduais.

O incansável e moderno Simões Lopes Neto não sossegava em seu gênio inventivo, noutra lampejo de criação compôs um livrinho intitulado *Artinha de leitura – dedicada às escolas urbanas e rurais*³, inspirado, é muito provável, na *Cartilha maternal* ou *Arte da leitura*, do português João de Deus, que circulava desde 1876 entre os estudantes brasileiros. Tentou publicá-la, mas não obteve sucesso em seu intento. Seu livro, crivado de ideias modernas sobre o ato de ensinar – aqui pode ser inferida a ligação com o pensamento do educador Joaquim Menezes Vieira - não foi aprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Estado para uso nas escolas primárias, ao que consta por apresentar uma ortografia simplificada – sugerida pela Academia Brasileira de Letras (o escritor sempre esteve identificado com o que havia de mais atual)- fato que lhe trouxe certo desânimo. Sobre isso e sobre iniciativas ligadas à tradição gaúcha, diz sua sobrinha Ivete Massot:

João Simões parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande o seu amor pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas e esse livrinho gauchesco teria o poder de prender a atenção da garotada, como o teve de fascinar as suas sobrinhas, que brigavam pelo único exemplar. E eram dois, aliás, mas o outro havia tomado o rumo do Ministério da Educação, onde teria o destino do primeiro: "Rejeitado". (MASSOT, 1974, p. 133)

Após a recusa de publicação de sua *Artinha*, João Simões Lopes Neto organizou um conjunto de cartões postais utilizando o material iconográfico da obra rejeitada. É mais uma demonstração de sintonia com educadores de ponta: novamente Joaquim José Menezes Vieira, já citado anteriormente. O renomado educador, fundador do primeiro *Kindergarten*, (ou Jardim de infância) brasileiro, desenvolveu diversificada coleção de livros e materiais didáticos inovadores, entre estes, os Prêmios instrutivos, possível inspiração para nosso autor:

³ A professora e historiadora Helga Piccolo folheava um velho livro comprado em um sebo quando uma pequena caderneta escrita à mão em forma de cartilha caiu a seus pés, a *Artinha de leitura* que fora rejeitada pelo órgão público estava no meio das páginas de tal livro. A professora resolveu doá-la à Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cidade em que Simões nasceu e viveu, e agora está cedida em comodato ao Instituto Simões Lopes Neto, naquela cidade.

São cartões ilustrados e destinados ao estudo da geografia geral e do Brasil, das artes industriais, dos homens célebres. Constatam de pequenos mapas de países da Europa, tendo no verso dados estatísticos e as principais cidades. (BASTOS, 2002, p. 237)

A série denominada *Brasiliana* era de alta qualidade, ao menos em sua primeira tiragem. Os 25 primeiros cartões, de cunho didático e que traziam episódios da história nacional, não receberam a acolhida esperada. A segunda tiragem já não apresentava o mesmo nível gráfico e também fracassou em temas comerciais. Não desistindo de sua cruzada pela educação, o escritor peregrinou ainda por diversas cidades do estado proferindo palestras na tentativa de popularizar a educação no Rio Grande do Sul. Por ocasião do centenário da cidade de Pelotas idealizou a “Semana Centenária”, conclamando estudantes a realizar uma série de atividades comemorativas.

O trabalho jornalístico arrefeceu um pouco nesta época, mas não foi posto totalmente de lado, as contribuições passaram a ser, de modo geral, de outra ordem. Em seu entusiasmo cívico e cumprindo o papel de incentivador da cultura popular, Simões Lopes Neto passou a buscar na matéria local, de tradição oral, o conteúdo para sua produção. Assim, a lenda do *Negrinho do Pastoreio* saiu publicada pela primeira vez em 26 de dezembro de 1906, no *Correio Mercantil*, com dedicatória dirigida a ninguém menos que o consagrado escritor Coelho Neto, em passagem por Pelotas por conta de uma série de conferências proferidas no estado. O escritor maranhense, aliás, respondeu publicamente estimulando nosso autor a seguir com seu valioso trabalho de recolha de material da tradição oral. O caminho para as obras maiores estava aberto a partir do veio encontrado, o da matriz popular. Assim como várias das narrativas que posteriormente fariam parte dos *Contos gauchescos* foram antes publicadas em jornal, a lenda *M’boi-tatá*, em 6 de janeiro de 1909, também sai publicada no *Correio Mercantil*.

Escritor maduro e jornalista afiado

A partir de 1910 vem à luz suas obras máximas, *Cancioneiro guasca*, no ano citado, *Contos gauchescos*, em 1912, e *Lendas do Sul*, em 1913. Mesmo no auge de sua criação literária Simões Lopes Neto não se afastou, entretanto, da produção para jornal, até

porque, era muitas vezes desta atividade que retirava o seu sustento e o de sua família. O neto do Visconde da Graça perdeu seu patrimônio ao longo dos anos, dizimou a herança percebida através de sucessivos enganos comerciais; as atividades de professor e de colaborador de jornal eram a garantia de sobrevivência, mesmo que frugal. Dos 18 contos que compõem a obra *Contos gauchescos* 11 foram antes publicados em jornal, assim como as lendas que fazem parte do livro *Lendas do Sul*. A produção, no entanto, não se resumia a isso, artigos dos mais variados assuntos eram veiculados sob seu nome ou pseudônimos em diversos outros veículos. Lopes Neto escreveu textos de estilos variados para a Biblioteca Pública Pelotense, para o pequeno folhetim *A Exposição*, vinculado à Academia do Comércio, para a *Revista da Academia de Letras do RS*, da qual fazia parte, para a *Revista Centenária*, periódico por ele produzido para a comemoração dos 100 anos da cidade de Pelotas, além de várias conferências registradas em anais de entidades diversas.

Por vezes suas publicações estavam inseridas em discussões públicas, nas quais defendia ardorosamente suas convicções políticas e suas ideias não só modernas como também libertas de muitas das convenções sociais estabelecidas. A polêmica instituída com a Igreja é notória; o jornal católico *A Palavra*, editado semanalmente em Pelotas, reproduz notícia publicada em uma revista também católica de São Paulo em que é utilizado o adjetivo garibaldino para referir-se a um assassino, ligando à figura de Garibaldi o instinto sanguinário de tal sujeito. Bastou para que Simões respondesse numa longa coluna do *A Opinião Pública* ao jornal *A Palavra*, recriminando a atitude do clero brasileiro em relação ao italiano. O texto “Pro Garibaldi” é veiculado no dia 28 de dezembro de 1912 fazendo uma defesa ferrenha ao “herói de dois mundos” e atacando, inclusive, a Igreja em sua representação maior: o Vaticano. Em termos de posicionamento ideológico cabe uma reflexão: não era nada comum nas primeiras décadas do século XX que se pensasse desta maneira. E aliando esta posição às ideias sobre os benefícios da mestiçagem – outra questão defendida firmemente pelo autor, aqui identificado com o pensamento de Manuel Bonfim - é possível reconhecer em Simões Lopes Neto um sujeito preocupado com a forma como homens se mantinham atrelados a dogmas e preceitos conservadores.

O ano de 1913 estreia com a série *Uma trindade científica*. João do Sul assina os cinco artigos que trazem Darwin, Lamarck e Haeckel em linguagem acessível e que

comprovam a diversidade de interesses de nosso autor e sua cultura acima da média geral. No encerramento do último artigo, nosso escritor postula por uma escola leiga, na qual o conhecimento seja disponibilizado a todos.

Eis o que se deseja; eis pelo que se luta, hoje, pela escola leiga, com professores leigos. Sem isso, os conhecimentos precisos desses três gloriosos sábios ficarão como um patrimônio dos “eleitos” e não é justo que a maior parte dos modestos cidadãos desconheçam estes três tesouros valiosos. (LOPES NETO in MOREIRA, p. 98)

Em meio à organização e publicação da obra *Lendas do Sul*, nosso escritor estava preocupado não só em discutir sobre temas elevados - ainda que a partir destes refletisse sobre questões práticas, como no caso acima referido - seu gênio inquieto e perspicaz quis trazer à luz o mundo da gente simples, da periferia pobre da cidade de Pelotas, da crueza das mazelas sociais. Assim surgiu a seção *Inquéritos em contraste*, coluna assinada também por João do Sul, na qual é possível identificar quadros de certa forma críticos em relação à realidade social pelotense aliados a traços de humor. A seção vinha publicada no jornal *Opinião Pública*, o vespertino audacioso que em muitas ocasiões esteve envolvido em questões polêmicas. *Inquéritos* foi veiculada durante o inverno de 1913, ao mesmo tempo em que o escritor planejava a obra *Casos do Romualdo* e escrevia artigos diversos. Foram dezessete publicações que versavam sobre a vida periférica e subterrânea da aristocrática Pelotas dos primeiros anos do século XX. Em sua primeira seção, a 10 de junho, o escritor apresenta o perfil de sua coluna:

Nestes rápidos ‘Inquéritos’ vamos tão somente esmiuçar a nossa pequena vida social-provinciana(...) O contraste deles está em que as causas e os efeitos, que parecem repelirem-se, são eles lógicos que aparentando discordância reforçam-se em íntima concordância. Pelotas, a centenária, se nos recordarmos da comemoração de há um ano, Pelotas tem também as suas abóbodas iluminadas sobre subterrâneos escuros... (LOPES NETO in SICA DINIZ, 2003, p. 221)

Antes, porém, de explicitar sobre a abordagem local de seus *Inquéritos*, Simões Lopes Neto, ainda na apresentação da seção, insere Pelotas numa gama de cidades desenvolvidas, de grandes metrópoles do Brasil e do exterior, apontando as entranhas destas como comuns a sua cidade: “Rio de Janeiro, Lisboa, Buenos Aires, Roma, exibem e

escondem brilhos e mazelas semelhantes, se não por intensa vibração, por certo com os mesmos aspectos curiosos.” (A *OPINIÃO PÚBLICA*, 1913)

Nos seus *Inquéritos* João Simões Lopes Neto trata da miséria periférica e suburbana, mas faz isso através da lente da ironia que filtra parte do que é pungente e perverso nas relações humanas. Não é exagero inferir que o neto do Visconde da Graça com desenvoltura captava cenas da fina flor da sociedade pelotense, mas também das gentes das vielas escuras com paredes encardidas de sua cidade.

Alguns anos antes da publicação dos *Inquéritos em contraste* havia despontado um cronista no Rio de Janeiro, era Paulo Barreto – João Paulo Alberto Coelho Barreto – que assinou grande parte de sua obra como João do Rio. Sua vida e sua obra se confundem com a sua cidade de origem, a qual soube retratar em seus múltiplos aspectos. Frequentando desde importantes recepções presidenciais a centros espíritas dos subúrbios e rodas de samba das favelas cariocas, o jornalista se misturava à multidão para descrever as transformações da cidade através de recortes, de instantâneos das ruas da então Capital Federal. Entusiasta do processo de modernização engendrado no início do século passado por Pereira Passos, João do Rio percebia que em paralelo a nova cidade moderna que surgia, outra continuava a existir, ainda que distante da região central, concentrada – sobretudo – nos morros. Com as reformas, os cortiços iam sendo destruídos e a população passando a habitar as regiões periféricas da cidade. As mudanças operadas de maneira acelerada por conta da necessidade de instituição de uma nação republicana e moderna foram matéria primordial deste cronista que tanto se aproximou dos objetos aos quais se propunha a retratar.

João Simões Lopes Neto de alguma maneira dialoga em suas crônicas com João do Rio, em especial no que tange à abordagem do que está à margem da sociedade presumida como representativa. Os dois cronistas dirigem seus olhares não somente à vida elegante dos saraus e passeios, falam também da gente miserável e invisível aos olhos da elite e da estrutura social e urbana periférica, compondo imagens ao mesmo tempo humanas e chocantes. O diálogo também se estabelece, como vimos, com Machado de Assis: traços de influência do grande escritor e profícuo cronista são recorrentes na produção jornalística do pelotense. As colunas de mesmo nome, os temas que se assemelham ou que são abordados de maneira similar, o uso sistemático de ironia, são alguns indícios de que o escritor pelotense,

embora afastado do centro cultural e do poder do país, estava em plena sintonia com o que era produzido por autores nacionais consagrados e intelectuais de toda ordem.

A produção para jornal de João Simões Lopes Neto é variada e perfaz um trajeto de amadurecimento ao longo das inúmeras colunas e seções veiculadas em jornais pelotenses. Das publicações leves e humorísticas dos triolés da coluna *Balas de Estalo* aos textos de nuance crítica, especialmente social, dos *Inquéritos em contraste*, por vezes adotando um viés satírico que tinha por intenção o tom denunciatório, nosso escritor passa a imprimir aos traços cotidianos presentes nos escritos deste feitio, a vida periférica em tudo que há de seu, de mais característico.

Na verdade são textos literários. Esse húnus que inspirou o escritor, colhido no cotidiano periférico, nas tabernas, nos becos escuros, nos cortiços, onde vivem os pobres, os pretos, os mestiços, enfim, as personagens populares que são focadas, se para mais não servissem, pelo menos confirmariam, pelo pitoresco, que a Princesa do Sul, como alguns já disseram, seria a mais brasileira das cidades sulinas. (SICA DINIZ. p. 220)

O autor maduro que encontrou nos *Contos gauchescos* e nas *Lendas do Sul* o ponto certo na caracterização do homem sulino, do campo, e de sua expressão através de sua voz, consegue dar às suas crônicas o caráter esmiuçador tanto através de personagens de prestígio da cidade quanto de outros aparentemente comuns e que até então não tinham representatividade alguma no circuito escrito-jornalístico da cidade de Pelotas.

A última série publicada por Simões Lopes Neto foi *Temas Gastos*, que circulou no *Opinião Pública* entre 13 de janeiro e 5 de maio de 1916, assinadas por João do Sul. Foram sete edições por ele apresentadas como sendo uma ‘colcha de retalhos’ e demonstravam a capacidade do cronista de retirar do que há de mais trivial o assunto de suas colunas. *Casos do Romualdo*, de publicação póstuma (1952), foi escrita nos últimos anos de vida do autor. Também póstuma é a obra *Terra Gaúcha*, um volume sobre história do Rio Grande do Sul que Simões deixou inacabado e que foi publicado 1955, mas que a principio não tem ligação maior com a obra de mesmo nome publicada em 2013.

A obra que veio à luz recentemente, *Terra gaúcha*⁴- o singelo livro de leitura escolar que traz o subtítulo *Histórias de infância*—mesmo inacabado, pode ser considerado,

⁴ *Terra gaúcha* veio a conhecimento público por meio da biografia do autor escrita por Carlos Francisco Sica Diniz e publicada em 2003. Sica Diniz viu o material ao visitar o jurista pelotense Mozart Russomano. O jurista

sem dúvida, o embrião da obra madura de Simões Lopes Neto. Nela estão presentes o mundo campeiro de sua infância, aspectos da história do Rio Grande do Sul, relatos populares e lendas, ou seja, os componentes basilares de suas obras posteriores. *Terra gaúcha* veio publicada acompanhada da significativa *Artinha de Leitura*, a sensível cartilha para alfabetização totalmente idealizada pelo escritor, que traz reflexões e conselhos acerca de alfabetização e aprendizado de leitura de notável atualidade.

A falta de informações mais pontuais e a aparente desorganização do autor em relação à sua produção de um modo geral são fatores determinantes para que não saibamos com clareza como de fato foram pretendidas e concebidas suas obras. Sua viúva, em parte por não possuir recursos financeiros, não teve condições de manter seu acervo. Sua biblioteca foi colocada à venda, escritos inéditos pararam dentro de uma pequena mala, alguma coisa se extraviou, dados preciosos sobre o autor foram perdidos ou esquecidos. Por caprichos do destino, *Terra gaúcha* e *Artinha de Leitura* alcançaram nossos dias, podendo assim vir a público permitindo que se conheça com mais apuro esta faceta do grande escritor pelotense: a de um intelectual sintonizado com seu tempo, ou mais, que se antecipou em muito à maioria de seus pares à época.

Em 14 de junho de 1916 João Simões Lopes Neto sai de cena vítima de uma úlcera duodenal perfurada, com apenas 51 anos. Faleceu distante da vida confortável da Estância da Graça, em uma pequena casa alugada, deixando esposa e filha adotiva em situação econômica precária. Pelotas, ainda que não reconhecesse as qualidades do escritor, cronista, dramaturgo que a posteridade lhe conferiu (de maneira muitas vezes enviesada e insuficiente, é verdade), demonstrou o grande apreço por aquele que é, sem dúvida, seu maior vulto acompanhando em massa seu cortejo fúnebre.

Considerações finais

O presente trabalho procurou trazer elementos da vida e da obra de João Simões Lopes Neto no sentido de enquadrá-lo na categoria de intelectual. Para tal foram selecionadas

a havia herdado da viúva de Simões em reconhecimento por ajuda prestada em um processo de obtenção de pensão. Adquirido pelo bibliófilo Fausto Domingues após a morte do jurista, o livro enfim foi editado. Com organização e revisão de Luís Augusto Fischer, os manuscritos de *Terra gaúcha – Histórias de infância* foram finalmente publicados em 2013, em primorosa edição.

passagens de sua vida no que diz respeito a seus empreendimentos comerciais, aos cargos que ocupou frente a entidades tanto comerciais quanto culturais e, principalmente, ao seu trabalho jornalístico entendendo que a partir dele suas ações foram pautadas. A produção para teatro e as obras da maturidade não estiveram em primeiro plano, à exceção do que está relacionado ao que foi denominado plano pedagógico.

Retomando a ideia de Edward Said de que intelectual deve ser um indivíduo que procure atuar em favor do coletivo, é possível reconhecer em Simões Lopes Neto um sujeito que cumpriu este papel. O sucesso comercial foi certamente sua meta, mas acima de tudo parece ter estado a vocação pelo compartilhamento do conhecimento e o esforço para contribuir com o desenvolvimento de sua cidade. Com horizontes largos, no entanto, seu pensamento sempre otimista buscava em todas suas áreas de atuação uma maior integração em âmbito nacional, valendo-se também do que de mais moderno alcançava em nível mundial.

Na provinciana Pelotas, de pendores aristocráticos e ideias afrancesadas, viveu João Simões Lopes Neto, um sujeito sonhador, um tanto dispersivo, por vezes desorganizado. Um jornalista atuante, um interessante dramaturgo e um grande escritor. O tempo vai paulatinamente fazendo jus ao intelectual que nos longos e úmidos invernos e nos abafados verões pelotenses pensou com entusiasmo sobre o mundo em que viveu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Pro Pátria Laboremus**. Bragança Paulista: EDUSP, 2002

CHIAPPINI, Lígia. **No entretanto dos tempos** SP: Ed Martins Fontes, 1988

FISCHER, Luís Augusto. Vida e obra de Simões Lopes Neto. In: LOPES NETO, Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. POA: L&PM, 2012

_____. Contexto e natureza de Terra gaúcha. In: LOPES NETO, Simões. *Terra gaúcha – Histórias de infância*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e Lendas do sul**. POA: Ed L&PM, 2012

_____. **Terra gaúcha – Histórias de infância**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013

MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. **Simões Lopes Neto na intimidade**. POA: BELS – SEC – IEL, 1974

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. SP: Companhia das letras, 2001

MOREIRA, Ângelo Pires. **A outra face de J. Simões Lopes Neto**. 1º vol. POA: Martins Livreiro, 1983

REVERBEL, Carlos. **Textos escolhidos**. Org. Cláudia Laitano e Elmar Bones. POA: Já Editores, 2006

SAID, Edward, **Representaciones del intelectual**. Barcelona: Ed. Paidós, 1994 (tradução livre realizada pela autora)

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. SP: Companhia das Letras, 2012.

TAMBARA, Elomar, ARRIADA, Eduardo.– **Civismo e educação na Primeira República - João Simões Lopes Neto**. Disponível em: seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29036/ acesso de 10 a 22 de outubro de 2013.